

O corte da genitália feminina: rompendo o debate e ainda assim, violando direitos humanos

Celine Jacquemin *

Tradução: Eva Paulino Bueno

Resumo: A luta internacional contra as várias formas de circuncisão feminina, ou da mutilação dos genitais de mulheres e meninas, tem muitos aspectos diferentes. Embora nenhum texto de nenhuma religião sugere esta prática, ainda em muitos países a tortura de moças e mulheres continua. Ainda existe a suposição de que o fenômeno é exclusivo dos países subdesenvolvidos, muitas práticas comuns no mundo ocidental, tais como as cirurgias plásticas da vagina e da vulva, assim como as plásticas para mudar o rosto e o corpo das mulheres, podem ser incluídas na mesma tendência de se apresentar as mulheres como impuras, incompletas, necessitando ser melhoradas para que elas possam ser aceitas pelos potenciais maridos.

Palavras-chave: circuncisão feminina, mutilação, lei internacional, direitos humanos.



O tópico do “Corte da genitália feminina” (CGF), ou “Mutilação da genitália feminina” (MGF), ou “Circuncisão feminina” (CF), está geralmente ligado a práticas tradicionais dentro de específicas comunidades africanas. A Organização Mundial da Saúde (OMS) informa que em Djibouti, Egito, Guiné,

Mali, Sierra Leone, Somália e O Norte do Sudão, mais de 90% das mulheres foram circuncidadas. Em Burkina Faso, Eritreia, Etiópia, Gâmbia, e Mauritânia, as publicações da OMS mostram percentagens acima de 70%. ¹ A MGF também ocorre em grau menor na Indonésia, na Malásia, no Paquistão e na Índia, assim como em comunidades imigrantes que se mudaram para a Austrália, o Canadá, a Nova Zelândia, os Estados Unidos, e muitos países europeus. A lei internacional e as leis de muitos países consideram a mutilação da genitália feminina uma violação dos direitos humanos. ² Estas práticas

¹ *Eliminating female genital mutilation: an interagency statement - OHCHR, UNAIDS, UNDP, UNECA, UNESCO, UNFPA, UNHCR, UNICEF, UNIFEM, WHO* by World Health Organization, Department of Reproductive Health and Research (2008)

² Neuwirth, J. (2001). Female Genital Mutilation: A Guide to Laws and Policies Worldwide (Book). *Human Rights Quarterly*, 23(3), 836-840.

diferem em vários aspectos de outras violações mais típicas dos direitos humanos, o que faz a MGF ainda mais horripilante: o corte dos genitais femininos é proposto como um ritual de passagem tradicional e religioso, e é perpetrado contra meninas com as bênçãos das mães, tias, e avós da própria menina. As parentes da criança em geral são as que a sujeitam enquanto a “cortadora” performa o ritual da circuncisão. A MGF permite que as mulheres retenham um papel dentro das suas sociedades tradicionais, onde as mulheres só podem se casar se tiverem sido circuncidadas. Mas como é possível que tal circuncisão, que tem consequências drásticas para a saúde das meninas³ e um impacto negativo na

³ A Organização Mundial da Saúde informa que muitas meninas morrem como resultado de hemorragia, septicemia e choque. O corte também pode causar problemas urinários de longa duração, e problemas reprodutivos tais como infertilidade, seguida da grande dificuldade no parto, o qual aumenta a probabilidade de fistulas (o rompimento da bexiga ou do cólon, resultando na inabilidade de controlar a urina e as fezes). *Eliminating female genital mutilation: an interagency statement - OHCHR, UNAIDS, UNDP, UNECA, UNESCO, UNFPA, UNHCR, UNICEF, UNIFEM, WHO* by World Health Organization, Department of Reproductive Health and Research (2008) <http://www.who.int/reproductivehealth/publications/fgm/9789241596442/en/index.html> pesquisado em 12 de dezembro de 2009.

Em Utz-Billing, I., & Kentenich, H. (2008). Female genital mutilation: an injury, physical and mental harm. *Journal of Psychosomatic Obstetrics & Gynecology*, 29(4), 225-229, os autores explicam que “Problemas físicos como anemia, infecções do trato urinário, incontinência, infertilidade, dor, problemas menstruais e dispareunia são freqüentes. As mulheres também têm um risco mais alto de contraírem AIDS. Durante a gravidez e o parto, os exames e as aplicações de remédios vaginais são muito mais difíceis. As mulheres que foram circuncidadas também têm um risco mais alto de um parto prolongado, infecções no local, perda de sangue no pós parto de mais de 500ml, rasgos perineais, um aumento de necessidade de

procriação ao aumentar a infertilidade e aumentar a mortalidade do bebê e da mãe durante o parto ainda ser tão praticado, em tantos lugares? Ainda mais incompreensível, como é possível que estas mutilações genitais estejam se tornando prevalentes em culturas ocidentais e não simplesmente entre refugiados e comunidades imigrantes? Estas mudanças arriscam que a MGF não obtenha a classificação de violação dos direitos humanos?

As culturas tradicionais do Norte e Oeste da África defendem a MGF como um ritual de passagem intimamente ligado a celebrações tradicionais e religiosas da adolescência das mulheres. Estes festejos das comunidades dão as boas vidas às meninas quando elas entram na adolescência e dão à sociedade uma maneira de certificar-se que todas as famílias seguem estes regulamentos. Os pais que não submetem suas filhas a este ritual acabam descobrindo que ninguém da comunidade vai querer casar-se com elas. Em alguns casos, toda a família é rejeitada. O ritual próprio de cortar, mutilar, costurar e circuncidar as meninas é em geral apenas uma pequena parte do programa dos festejos, que em algumas culturas podem durar uma semana inteira. As palavras usadas por diferentes culturas em geral são ligadas a outras tradições benignas ou a simples atos de purificação. Enquanto que as comunidades que praticam a MGF dizem que estas mutilações são parte de seus rituais religiosos, nenhum texto cristão, muçulmano, ou judeu

ressuscitação do bebê, e morte do recém-nascido. As consequências mentais da MGF incluem sentimentos de incompletude, medo, inferioridade e supressão. As mulheres informam que sofrem de irritabilidade crônica e pesadelos. Elas estão mais arriscadas a ter doenças psiquiátricas e psicossomáticas..”, p.225.

requer ou justifica a circuncisão de mulheres. Entretanto, o *hadith*, ou os comentários religiosos islâmicos, permitem que se interprete mal a palavra “sunna” ou “sunnah” ou purificação, com um sentido duplo. Alguns líderes religiosos interpretam a purificação das mulheres como algo que requer a circuncisão. No entanto, embora a MGF seja predominante entre a população muçulmana da Etiópia, Costa do Marfim, Kênia, Senegal, Benin e Gana, em outros países tais como a Nigéria, a Tanzânia, e Niger, a prevalência de MGF ocorre entre os grupos Cristãos.⁴

Os oponentes da MGF explicam que esta mutilação é “uma manipulação da sexualidade das mulheres a fim de assegurar a dominação e exploração delas pelos homens.”⁵ De fato, a MGF representa uma das partes do grupo de regulamentos e tradições mundiais que oprimem as mulheres, ao dar-lhes imagens negativas de si próprias como serem impuros e incompletos; estas regras servem para controlar sua sexualidade, e para restringir seu prazer mesmo depois de casadas. Enquanto que a prática da mutilação genital feminina supostamente assegura a virgindade e a fidelidade, ela promove a dor durante o ato sexual e aumenta a mortalidade.⁶

⁴ *Female Genital Cutting* by US Department of Health and Human services <http://www.womenshealth.gov/faq/female-genital-cutting.cfm> pesquisado em 15 de dezembro de 2009.

⁵ Raqiya Haji Abdalla Dualeh, cited in Sheldon, S., & Wilkinson, S. (1998). FEMALE GENITAL MUTILATION AND COSMETIC SURGERY: REGULATING NON-THERAPEUTIC BODY MODIFICATION. *Bioethics*, 12(4), 263. Pesquisado na base de dados da Academic Search Complete. p. 273.

⁶ Sheldon, S., & Wilkinson, S. (1998). FEMALE GENITAL MUTILATION AND COSMETIC SURGERY: REGULATING NON-THERAPEUTIC BODY MODIFICATION. *Bioethics*, 12(4), 263. Pesquisado no bando de dados da Academic Search Complete. p. 273.

As razões pelas quais as mulheres aprendem desde a mais tenra idade porque elas devem aceitar passar pelo corte de seus genitais relevam uma severa desvalorização das meninas e mulheres. Algumas culturas dizem que a MGF promove o sistema da família patriarcal tradicional, e que pode ser um método útil para o controle da natalidade. Mas, acima de tudo, esta mutilação é uma garantia de comportamento moral e de lealdade ao marido. As mulheres dizem que a MGF lhes dá proteção contra suspeitas, e as livra de desgraças. Já outras mulheres vêem esta mutilação como um ritual de iniciação que lhes dá feminilidade e beleza.⁷ Finalmente, algumas argumentam que esta mutilação é mais higiênica e é necessária por razões de saúde (existe um mito que se a cabeça do pênis ou o bebê tocarem os lábios da vulva, a mulher morre). Nestas culturas, as vantagens econômicas que as mulheres podem obter tem como preço a submissão e o aumento de violência contra elas. E é importante dizer que muitos debates sobre a mutilação genital feminina no passado atribuíam estas práticas opressivas apenas ao mundo subdesenvolvido ou às comunidades de refugiados que se assentaram no mundo ocidental.

Um artigo recente de Little (2003) traça os padrões históricos da MGF ao Século XV A.C.; a MGF é documentada no Egito antigo, na Roma antiga, e na Rússia Czarista.⁸ Mais recentemente, no ocidente, na Inglaterra durante o período

⁷ Utz-Billing, I., & Kentenich, H. (2008). Female genital mutilation: an injury, physical and mental harm. *Journal of Psychosomatic Obstetrics & Gynecology*, 29(4), 225-229.

⁸ Little, C. (2003). FEMALE GENITAL CIRCUMCISION: MEDICAL AND CULTURAL CONSIDERATIONS. *Journal of Cultural Diversity*, 10(1), 30-34. Pesquisado no bando de dados da Academic Search Complete.

vitoriano, a circuncisão feminina se tornou uma forma de tratamento para distúrbios psicológicos e para impedir a masturbação das mulheres.⁹ Nos Estados Unidos e na Europa, Little explica que a remoção do clitóris, uma das formas prevalentes do corte para as mulheres, tinha se tornado comum nos anos de 1930, quando era prescrita como tratamento médico para o crescimento do clitóris, a histeria, e o lesbianismo.¹⁰ A nova tendência, especialmente nos Estados Unidos, é para as mulheres se submeterem a mutilações tais como a reconstrução do hímen (prática que antes era mais comum no Oriente Médio e na América Latina). Outras operações para reconstrução da vagina, e cirurgias plásticas da vulva estão se tornando rapidamente a forma mais comum de cirurgia plástica.¹¹ Nos anos 1990, quando a mutilação genital feminina se tornou um assunto internacional contra o qual muitos grupos lutaram para proteger os direitos de crianças e mulheres, as condições sob as quais a circuncisão passou a ser feita aumentaram dramaticamente os riscos de saúde, o que a fizeram claramente um caso de mutilação e de tortura, e uma violação dos direitos humanos. Agora o desafio é continuar a lutar internacionalmente contra a mutilação genital de meninas e mulheres, enquanto presta-se atenção aos

movimentos culturais no mundo ocidental e mudam-se as condições para a prática na África. A “medicalização da MGF” em alguns países africanos (quando ela é feita por doutores, enfermeiras, ou parteiras, ao invés da “cortadeira” tradicional”) e as exigências por mais cirurgias para modificar a genitália feminina ou outras partes do seu corpo, enganosamente propõem que estas operações tornam as mulheres mais valiosas, mas que, na realidade, estas mutilações somente dão a outros na sociedade a habilidade de definir padrões e critérios de beleza que têm extremas consequências físicas e mentais.¹²

A inclusão no debate das novas práticas de corte da genitália feminina no ocidente apresenta vários problemas. Tal como em muitas culturas tradicionais africanas, as mulheres e meninas são as que em geral dizem que querem a circuncisão porque elas acham que seu valor vai aumentar, e terão mais oportunidade de se casarem. As mulheres ocidentais também estão negando o aumento dos riscos de saúde que vêm com cirurgias plásticas, e com o aumento da dor durante o sexo que ocorre depois da cirurgia de reconstrução do hímen e da vagina. Mesmo quando as cirurgias são feitas com anestesia, e as pacientes recebem antibióticos para minimizar os riscos de infecção, ainda assim persistem os riscos de saúde e outras implicações que podem resultar destas novas formas de mutilação.

O aumento da diversidade das práticas de mutilação levou a Organização Mundial da Saúde a modificar sua tipologia de MGF em 2007.¹³ Embora

⁹ Hopkins, S. (1999). “A discussion of the legal aspects of female genital mutilation.” (Uma discussão dos aspectos legais da mutilação genital feminina). *Journal of Advanced Nursing*, 30(4), 926-933.

¹⁰ Little, C. (2003). FEMALE GENITAL CIRCUMCISION: MEDICAL AND CULTURAL CONSIDERATIONS. *Journal of Cultural Diversity*, 10(1), 30-34. Pesquisado no banco de dados da Academic Search Complete.

¹¹ Chozick, A. (2005, December 15). Virgin Territory: U.S. Women Seek A Second First Time. *Wall Street Journal - Eastern Edition*, pp. A1-A14. Pesquisa feita no banco de dados da Academic Search Complete.

¹² Utz-Billing, I., & Kentenich, H. (2008) *ibid*.

¹³ *Eliminating female genital mutilation: an interagency statement - OHCHR, UNAIDS, UNDP, UNECA, UNESCO, UNFPA, UNHCR,*

os tipos de MGF ainda sejam divididos em 4 categorias, a nova classificação abre espaço para mais sutilezas em cada tipo. Por exemplo, Tipo I, o mais comum, era antes definido simplesmente como “A remoção do prepúcio, com ou sem a remoção de parte ou de todo o clitóris.” Agora, com mais refinamento, o Tipo I diz, “A remoção total ou parcial do clitóris e/ou do prepúcio (clitoridectomia).” Entretanto, esta nova definição dá distinções entre as variações principais das mutilações do Tipo I: “Tipo Ia, remoção da cabeça do clitóris, ou somente do prepúcio; Tipo Ib, remoção do clitóris com o prepúcio.”¹⁴

O aumento do conhecimento sobre a MGF que os profissionais médicos do ocidente estão adquirindo sobre as diversas formas de circuncisão feminina acabaram por ter um outro impacto que não se previa. Como muitos países ocidentais criminalizaram a MGF e baniram o procedimento, os pais e familiares se sentem pressionados a retornar aos seus países de origem e ter a mutilação de suas filhas feita lá. Isto transformou uma prática localizada em um crime transnacional e aumenta a necessidade de proteção das vítimas através de leis internacionais. A maioria das estatísticas sugere que cerca de 2 milhões de meninas e mulheres são cortadas todos os anos. Então, enquanto a legislação internacional continua sendo a força motriz na luta para proteger meninas e mulheres, algumas organizações de base comunitárias começaram a criar alternativas bem-sucedidas para mulheres que vivem em culturas tradicionais africanas.

UNICEF, UNIFEM, WHO by World Health Organization, Department of Reproductive Health and Research (2008) p. 24.

¹⁴ Ibid.

Por exemplo, no Kênia, “Ntanira Na Mugango, ou Circuncisão através da palavra”, oferece um programa de uma semana que educa jovens mulheres sobre sua saúde e seus corpos, enquanto aumenta seu amor próprio, e as incentiva a aprender formas mais efetivas de comunicação e de como resolver problemas.¹⁵ Este programa foi criado por uma organização keniana e uma organização não governamental internacional. Este modelo bem sucedido apresenta uma forma de manter-se a tradição cultural e ao mesmo tempo remover-se o componente perigoso e nocivo da mutilação, enquanto ao mesmo tempo se promovem os valores da castidade e da fidelidade. Infelizmente, muitas mulheres continuam a ser submetidas a formas de MGF em todo o mundo. Ainda no Kênia, a maioria das mutilações são agora feitas em hospitais, para minimizar o risco de infecções e outros impactos negativos à saúde.¹⁶

A medicalização da MGF pode reduzir um pouco os riscos de saúde, mas a MGF mesmo em condições sanitárias continua sendo uma violação dos direitos humanos ao infligir dano físico e mental a meninas e mulheres. Apenas um país tem sido muito ativo na perseguição de casos de MGF: a França. Lá não somente aqueles que fazem a mutilação, mas também os pais das meninas são punidos com prisão. Nos mais que 30 casos que o governo francês processou, os pais receberam sentenças promulgadas, mas os cortadores

¹⁵ Douglas, C., McCauley, M., Ostrow, M., & Wimbrow, M. (2003). Kenya: new ritual may replace FGM. *Off Our Backs*, 33(5/6), 4. Pesquisado no banco de dados da Academic Search Complete.

¹⁶ Douglas, C., Verma, P., Goktepe, K., Nixon, L., & Harris, J. (2005). Kenya: FGM increasingly occurring in hospitals. *Off Our Backs*, 35(1/2), 5.

receberam pena de prisão de até oito anos.¹⁷ Nos Estados Unidos, muitos estados têm leis contra a MGF nos seus estatutos, o que abre caminhos para que haja processos; mas o mais importante é que estas leis dão proteção a meninas e mulheres.¹⁸

Mas, mesmo estas banições têm atraído controvérsias. Algumas mulheres que sofreram a MGF dizem que, serem descritas como “mutiladas”, é uma outra forma em que forças sociais de fora delas lhes dizem que elas não são “inteiras”, ou “puras”. Isto explica a mudança no debate que originalmente descrevia estas práticas com o termo mutilação. Atualmente, muitos ativistas e as próprias mulheres preferem usar as palavras “o corte”, ou a “circuncisão”. Esta é uma forma para estas mulheres adquirirem alguma forma de poder para lutar contra aqueles que dizem que elas são “danificadas”.

Outro componente essencial na discussão de circuncisão é naturalmente a questão da prática ubíqua da circuncisão masculina. Enquanto que para os homens judeus ou muçulmanos a circuncisão é também parte de tradições culturais ou religiosas, nos países ocidentais a circuncisão se transformou em uma prática institucionalizada, feita nos hospitais, que deixa poucas opções para os pais e nenhuma para os bebês masculinos. Muitos dizem que a comparação é injusta, porque as implicações de saúde

para o homem não são jamais tão extremas como as que são associadas com a circuncisão feminina, mas esta posição releva os mesmos preconceitos que se encontram quando se debatem outras práticas culturais. As mulheres tradicionais na África são vistas como sem poder e mutiladas, e necessitam que o mundo ocidental as salve da sua falta de educação e da opressão que sofrem. Estas posições deixam de fora, por exemplo, outros tipos de mutilação que as mulheres ocidentais sofrem para transformar seus seios de um componente da maternidade em um brinquedo para o prazer dos homens. Abusharaf (2006), um proeminente ativista sundanês-americano contra a circuncisão feminina, sugere diferentes formas de se criar um diálogo fortalecedor sobre os preconceitos culturais e as alterações dos corpos dos homens e das mulheres nas diferentes culturas.¹⁹ El Guidi (2006), um antropologista egípcio-americano, nos lembra que muitas feministas e ativistas ocidentais que lutam contra a MGF não fazem campanha contra outras formas de modificação do corpo, tais como a plástica no nariz (rinoplastia), os “face lifts” (ritidectomia), ou os aumentos de seio (mamoplastia). Portanto, ao mesmo tempo em que continuamos a debater a circuncisão feminina e aumentamos a luta internacional contra todas as formas de mutilação de mulheres, nós precisamos manter-nos críticos e devemos também examinar nossas próprias práticas culturais.

Estas novas tendências no mundo ocidental são especialmente alarmantes porque as mulheres nas culturas tradicionais africanas estavam começando a resistir ou transformar as

¹⁷ Rahman, A., & Toubia, N. (2000). *Female genital mutilation: A guide to laws and policies worldwide*. London: Zed Books.

¹⁸ Neuwirth, J. (2001). *Female Genital Mutilation: A Guide to Laws and Policies Worldwide* (Book). *Human Rights Quarterly*, 23(3), 836-840.

Hopkins, S. (1999). A discussion of the legal aspects of female genital mutilation. *Journal of Advanced Nursing*, 30(4), 926-933. doi:10.1046/j.1365-2648.1999.01170.x.

¹⁹ Abusharaf, R. M. (2006). *Female circumcision: Multicultural perspectives*. Pennsylvania studies in human rights. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

práticas de MGF através da educação e de programas de habilitação e fortalecimento. Nós também precisamos não esquecer que muitas meninas e mulheres ao redor do mundo continuam em iminente risco de mutilação e tortura.²⁰ As mulheres que fogem dos seus países por causa do medo de serem forçadas a passar pela mutilação genital se deparam com tremendas dificuldades ao resistirem a sua família e sua cultura em países nos quais as mulheres em geral não têm nenhum direito legal. Então, o aumento no mundo ocidental da exigência por mais formas de alteração dos genitais das mulheres deve ser incluído na avaliação das pressões que as mulheres enfrentam nestas sociedades, mas não pode diminuir a continuada realidade que a maioria das MGF é cometida contra o desejo da menina, feita em condições insanitárias, com resultados terrivelmente dolorosos e perigosos. Nas sociedades em que as mulheres querem resistir aos procedimentos, elas têm poucas opções e em geral não têm estatuto legal como pessoas diante da lei, o que significa que o Estado não as protegerá. É claro que nós precisamos aumentar o debate sobre a mutilação de corpos humanos em geral. Ao mesmo tempo, devemos insistir que a circuncisão feminina, ou a mutilação genital da mulher, ou o corte dos genitais da mulher, ainda continuam perfeitamente dentro do reino das violações dos direitos humanos.²¹



*

CELINE JACQUEMIN é

Professora Associada de Relações Internacionais e Decana Assistente de Humanidades e Ciências Sociais na St. Mary's University, San Antonio, Texas. cjacquemin1@stmarytx.edu

²⁰ Skaine, R. (2005). *Female genital mutilation: Legal, cultural, and medical issues*. Jefferson, N.C.: McFarland.

²¹ Skaine, R. (2005). *Female genital mutilation: Legal, cultural, and medical issues*. Jefferson, N.C.: McFarland.